

Da fronteira a “fronteriça”: observações do eu e do outro na (di)visão entre Brasil e Paraguai*

Marcos Leandro Mondardo
Universidade Federal da Grande Dourados
marcosmondardo@yahoo.com.br

Índice

1 Introdução	2
2 Fronteira: entre Brasil(eiros) e Paraguai(os)	3
3 Considerações Finais	22
4 Referências	22

“(...) não existe espacialidade que não organize a determinação de fronteiras”
(Michel de Certeau)

“A fronteira é uma porteira que está aberta.
(...)
Morar na fronteira é esperar de tudo um pouco”
(Padre Miguelito)

“Ser fronteriço é compartilhar de uma cultura diferente”
(Vereador Marcelino)

*Indicamos no título *fronteriça*, pois na língua guarani, oriunda do Paraguai, fronteira é *fronteriça*. Por este motivo evocamos a (di)visão (entre Brasil e Paraguai) com *fronteira* do lado brasileiro e *fronteriça* do lado paraguaio.

Resumo

Este artigo analisa, através da observação e da percepção, a relação entre brasileiros e paraguaios na fronteira entre Brasil e Paraguai, especialmente entre as cidades fronteiriças de Ponta Porã (Brasil) e Pedro Juan Caballero (Paraguai), e, Bela Vista (Brasil) e Bella Vista Norte (Paraguai). Compreendemos que na fronteira ocorre a (re)produção de uma espacialidade envolta em um modo de vida singular, híbrido. São cotidianos produzidos através de uma (di)visão: de territórios, de culturas, de identidade, de nacionalidade, ordens e desordens. São relações diferentes que se unem e se dividem demonstrando a dialética da fronteira: a vida (entre) o lado de cá e o lado de lá. Desse modo, através de um trabalho de campo é que construímos nossa observação, aqui apresentada, sobre os sujeitos e seu espaço na fronteira.

Palavras chave: fronteira; Brasil; Paraguai; observação; identidade.

Abstract

This article analyzes, through the observation and of the perception, the relationship between Brazilians and Paraguayans in the border between Brazil and Paraguay, especially among Ponta Pora frontier cities (Brazil) and Pedro Juan Caballero (Paraguay), and, Bela Vista (Brazil) and Bella Vista Norte (Paraguay). We understood that in the border happens the (re)produção of a wrapped up espacialidade in a singular, hybrid life way. They are daily produced through a (di)vision: of territories, of cultures, of identity, of nationality, orders and disorders. They are different relationships that join and he it divides demonstrating the dialectics of the frontier: the life (among) the side of here and the side of there. He gave way, through a field work it is that we built our observation, here presented, on the subjects and its space in the frontier.

Key words: frontier; Brazil; Paraguay; observation; identity.

1 Introdução

A *observação* faz parte da vida das pessoas. Observa-se para viver, para se relacionar, para analisar, para criticar... A observação, além de ser elemento fundante da vida das pessoas, é um fator importante na Geografia. Através da observação, o geógrafo mostra sua “sensibilidade” na análise socioespacial. Pela sensibilidade o geógrafo utiliza sua “crítica reflexiva” perante elementos em que homens e mulheres criam para reproduzirem suas relações no cotidiano dos e/ou nos lugares.

Observar desse modo é pesquisar. Obser-

vações importantes já foram historicamente demonstradas por grandes geógrafos e cientistas sociais sobre a análise da sociedade. De acordo com Suertegaray (2002:3), a pesquisa de campo compõem “um sistema mundo da qual faço parte como observador/transformador de mim e de mim nele”. Ainda, segundo a autora “pesquisar é busca”. “Pesquisar pressupõe reconhecer para intervir. (...) A pesquisa de campo é o conhecimento feito através da vivência em transformação” (SUERTEGARAY, 2002: 2).

Desse modo, utilizamos como metodologia, no presente trabalho de campo, nosso olhar sobre a realidade, sobre contextos e situações da vivência dos sujeitos que optamos por olhar, enfatizar, destacar, discutir, problematizando as questões que denotam (con)tradições que se mostram vigentes no(s) lugar(es), por nós visitados, (trans)passados e experienciados. Nesse sentido:

A pesquisa de campo constitui para o geógrafo um ato de *observação* da *realidade* do *outro*, interpretada pela lente do *sujeito* na *relação* com o *outro* sujeito. Esta interpretação resulta de seu engajamento no próprio objeto de investigação. Sua construção geográfica resulta de suas práticas sociais. Neste caso, o conhecimento não é produzido para subsidiar outros processos. Ele alimenta o processo, na medida em que desvenda as contradições, na medida em que as revela e, portanto, cria nova consciência do mundo. Trata-se de um movimento da geografia engajada nos movimentos, sejam eles sociais agrários ou urbanos. Enfim, movimentos de territorialização, desterritorialização e reterritorialização (SUERTEGARAY, 2002: 3, [grifo nosso]).

Assim, munidos da observação é que partimos para trabalho de campo do mestrado

de Geografia - da Universidade Federal da Grande Dourados -, para as cidades fronteiriças de Ponta Porã (Brasil) e Pedro Juan Caballero (Paraguai); e, Bela Vista (Brasil) e Bella Vista Norte (Paraguai). Saímos em busca, pois, como afirma Suertegaray (2002: 5) “pesquisar é o fundamento de nossa busca”. Neste contexto, é que partimos em busca para entender as relações estabelecidas no dia-a-dia entre brasileiros e paraguaios na fronteira. Principalmente, nossas observações consistem em compreender as relações “mais escondidas”, *camufladas* pelos e para os detentores do poder *na e da* fronteira. Nosso objetivo consiste, portanto, em analisar e entender como se *fazem* nesse processo, homens e mulheres da e na fronteira, brasileiros e paraguaios.

2 Fronteira: entre Brasil(eiros) e Paraguai(os)

Foi pela manhã, por volta das 7:30, dia 15 de junho de 2007, quando saímos do campus da Universidade para nossa pesquisa de campo. Pela estrada os colegas animados, todos lendo jornais, mostram a busca tão diluída em nossa sociedade atual da informação. A intelectualidade paira sobre e dentro da Van que nos leva. A estrada é na maioria das partes formada por longas retas, “infindáveis” às vezes ao olhar humano. Ao lado desta, se mostram, com o passar do tempo e do espaço, monoculturas de milho, cana-de-açúcar, áreas de reflorestamentos com pinus e eucalipto, além de pastagens e terras recém preparadas para o plantio. A paisagem parece demonstrar, ou até mesmo “falar”, que existe pouca vida humana morando no campo. Passamos por grandes fazendas, mas

pouquíssimas casas avistávamos ao lado do asfalto. A paisagem se modifica no tempo e no(s) lugar(es), e, como afirma Santos (1988: 61), “A dimensão da paisagem é a dimensão da percepção, o que chega aos sentidos”. Assim, percebíamos no deslocamento pela estrada elementos naturais e humanos, isto é, humanizados.

Dentro da Van um clima de euforia alimentava os colegas. Entre apertos (por falta de espaços nos bancos), calor e sono, o pessoal continuava firme em suas leituras de jornais e observações das paisagens. “Lá fora”, as linhas de alta tensão pareciam querer nos acompanhar, pois se mostravam seguidamente paralelas à estrada. A “paisagem do progresso” continua alimentar nossa visão, mas já podíamos ver com mais frequência casas e bares abandonados à beira da estrada. A vida havia passado por estas paisagens, com seu movimento e cores, pois, segundo Santos (1988: 61), a paisagem “não é formada apenas de volumes, mas também de cores, movimento, odores, sons etc”.

Mais adiante, passamos por um posto militar. Observávamos os elementos constituintes da *fronteira formal*. Da legalidade frente à ilegalidade na fronteira. Ali fizemos uma parada para alongarmos as pernas. Mais adiante a placa anunciava: “Ponta Porã a 43 Km”. Estávamos mais próximos de nossa primeira parada. Seguindo em frente, nos deparamos com uma comunidade rural: igreja, escola..., enfim, a vida organizada no formato de comunidade. Logo em frente, a placa anunciava a propaganda do Shopping China, e mais adiante, passávamos por mais um posto fiscal. A fronteira parecia um *lugar* de muita *fiscalização*, de muita ordem. Por que? Enquanto anotava, um andarilho mi-

grava em direção contrária a nossa. A vida enfim se mostrava e se fazia na estrada.

E, foi assim que nos aproximávamos da fronteira. Quanto mais chegávamos perto, mais movimentos de gentes iam se mostrando, iam se fazendo. Nos lados da estrada apareciam placas de anúncio com mais frequência, barracas de venda de frutas, de artesanatos... Os sem terras marcavam presença também. Motéis e/ou os “lugares do prazer” apareciam com frequência.

Na entrada da cidade de Ponta Porã avistamos algumas indústrias, vendas de produtos e de máquinas agrícolas. Logo passamos pelo marco entre Brasil e Paraguai, em que um encontro entre o chimarrão e o tereré parecia mostrar os *costumes* da *fronteira*. A hospitalidade diferenciada dos costumes parecia estar misturada. Já dentro do perímetro urbano de Ponta Porã víamos do *outro* lado da fronteira, isto é, no Paraguai, o shopping China. Este nos passava a imagem do esplendoroso, do moderno, do “espaço da modernidade”, das redes mundiais de circulação de produtos. Da China, dos EUA...

Chegamos a Ponta Porã e fomos para o hotel. Lá pedimos desconto nas diárias, coisas de estudante, “sempre quebrados economicamente”. E após deixarmos as malas no hotel, fomos para o trabalho empírico: *conhecer a fronteira*. Atravessamos a fronteira entre Ponta Porã (Brasil) e Pedro Juan Caballero (Paraguai) buscando perceber e entender as relações da/na fronteira. Partimos para o lado paraguaio a *pé*. Pois, como nos diz uma das máximas da *Geografia, esta se faz a pé*. No Paraguai, observamos os policiais bebendo o tereré em meio às pessoas com normalidade. O espetinho de carne sendo preparado no meio da rua com muita fumaça. O trânsito parecia maluco, (des)organizado. Os

motociclistas andavam sem capacetes, mas ninguém se acidentava. Parecia haver muito bem definido uma *ordem na desordem* no trânsito de Pedro Juan Caballero. A ordem do trânsito do Paraguai.

O vento era forte e continuávamos nossa “peregrinação geográfica”. Percebíamos que a paisagem urbana de Pedro Juan exibia prédios com fachadas desgastadas, com estruturas mais antigas. O *velho* parecia *prevalecer* em *relação* ao *novo*. A frota de carros parecia ser mais velha que a do Brasil. Na calçada da rua, eram feitos remédios de ervas na hora: picão, gengibre... tudo servia para curar os males humanos e mundanos. Logo em frente, na praça de Pedro Juan, estava exibido o monumento de independência da cidade. O herói Pedro Juan Caballero era re-produzido e “re-vivido” com uma grande estátua, em que na lápide dizia: 1811 a 1920. Segundo Becker (1990: 11), “a fronteira é, pois para a nação, símbolo e fato político de primeira grandeza, como espaço de projeção para o futuro”. Assim, a fronteira é onde os símbolos são demonstrados, demarcando territórios. É comum vislumbrarmos frases na fronteira como: “um país começa pela fronteira”.

Adiante, caminhando pelas ruas, percebíamos que o asfalto era diferente das estradas brasileiras. O asfalto paraguaio, poderia se dizer era feito da calçada brasileira. O asfalto parecia a calçada do Brasil. A “ordem” do terreno invertia-se. No comércio parecia haver mais *solidariedade*. Percebíamos pessoas conversando em frente às lojas, aos bares, as casas, com maior frequência. Parecia que as pessoas se conheciam mais que no Brasil. Outro elemento importante eram os semblantes dos paraguaios. Somos todos seres humanos, mas temos diferenças corpo-

rais uns com os *outros*. E com os paraguaios podemos perceber isso “*cara a cara*”, “corpo a corpo”.

No comércio, havia de tudo para todos os gostos. Uma variedade de coisas vendidas dentro e fora das lojas. Nas calçadas, pendurado, no chão, em cima, em baixo, grande, pequeno, moderno, artesanal, quente, frio, bonito, barato... *Vende-se de tudo!* As lojas eram na maioria das vezes pequenas, mas abarrotadas de mercadorias. Porém, existiam também as grandes, mas em menor quantidade, com variados produtos. A movimentação nesse setor era grande de pessoas: vendedores e consumidores se misturavam. Circulação e consumo. Tudo é mostrado! Tudo é vendido.

Percebe-se que na fronteira a *heterogeneidade* de pessoas, de coisas, de seres, de relações são maiores. *A diferença é elemento formador e transformador na fronteira*. Segundo Martins (1997: 30) na fronteira ocorre “(...) uma situação de convivência marcada pela pluralidade cultural e social e pelo estabelecimento de um espaço inteiramente novo na relação com o *outro*, que seja um espaço de afirmação e reconhecimento da diferença que dá sentido à existência dos diferentes povos”. Aliado a isso, a unidade da diversidade, aferida por Marx (1985), parece fazer parte de maneira acentuada na fronteira! Até o *cheiro* da fronteira é diferente. Um cheiro de novo e de velho misturados. De mercadorias novas e de prédios antigos. De brasileiros e de paraguaios. De uma mistura que redonda no *diferente*, pois, como afirma Raffestin (2005: 10), “A fronteira nasce da diferença”.

Nesse momento, percebemos nas relações que começávamos a desenvolver, que a *língua* é grande elemento de *distinção*. *Eu sou*

brasileiro, o outro é paraguaio. A língua dá um sentido de pertencimento àquela nação ou à *outra*, apesar de o espanhol e o português sejam línguas “fáceis” de entendimento pela sua proximidade de termos. A língua dá sentido a “*eu*” ser desta ou daquela nacionalidade. Por eu falar esta ou aquela língua eu sou de outro povo, de outro costume, de outra cultura. *Eu sou diferente do outro*. Segundo Raffestin (1993: 97), “A língua é, sem nenhuma dúvida, um dos mais poderosos meios de identidade de que dispõem uma população. Por essa razão ela ocupa um lugar tão fundamental na cultura e é, por si mesma, um recurso que pode dar origem a múltiplos conflitos” e, “como tal, língua é um recurso, um trunfo, e por consequência está no centro de relações que são, *ipso facto*, marcadas pelo poder” (p. 98).

Assim, após uma breve caminhada, paramos numa lanchonete paraguaia para comer o raulito. Espécie de pastel, apenas num formato mais arredondado. Neste local, vimos que, apesar deste estabelecimento ser pequeno, as relações que se faziam nele de consumo, de comércio eram intensas. Um entra e sai de gentes a todo o momento. E, o raulito era muito bom! Depois saímos em direção ao comércio, onde caminhamos mais um pouco, porém, logo voltamos para o lado brasileiro onde estava a Van. Iríamos para a Igreja de Ponta Porã (Brasil). Não para rezar, mas para *pesquisar*. Entramos todos na Van, e lá fomos nós.

Chegando na Igreja, logo percebemos sua arquitetura num formato bem arredondado. Fomos entrando e rapidamente fomos atendidos pelo Padre Miguelito, o qual iria conversar conosco. Este nos levou para uma sala dentro da Igreja, em que de primeira mão, pediu quem era o *cacique* da turma. Nas pa-

lavras do Padre: “Quem está comandando?”. A busca pelo poder numa sociedade hierárquica é nítida nas relações. O chefe, a autoridade maior. Como afirma Foucault (1985: 19) “(...) o poder é produtor de individualidade. O indivíduo é uma produção do poder e do saber”, criadores de hierarquias na sociedade.

Dentro da sala, num ambiente envelhecido, o professor Jones começou o diálogo com o padre perguntando onde ele havia nascido, e por onde havia passado antes de chegar ao município de Ponta Porã? Respondeu que nasceu na cidade de Paranaguá no Paraná e que passou por várias cidades do Paraná antes de vir para Ponta Porã. “Eu vim do primeiro mundo, do Sul”, afirmou orgulhoso o Padre. Afirmou que lá no Sul o pessoal participa mais da Igreja: “são italianos, alemães, poloneses”. “Aqui em Ponta Porã não vão para frente na religião”, falou o Padre. Disse-nos ele também que existe um intercâmbio entre as paróquias da fronteira de Ponta Porã e Pedro Juan Caballero. Que o rito das missas é o mesmo nos dois países, mudando somente a língua, do português, para o espanhol. O guarani não participa da missa. É uma língua excluída, marginalizada, segundo o padre.

Para o Padre, no Paraguai existem muitos feriados. Por isso, para ele “o paraguaio é preguiçoso”. No entanto, nos diz que “o povo paraguaio é muito religioso”, e, essa religiosidade passa para o lado brasileiro, pois, existem muitos paraguaios morando no Brasil. Ele comenta que a região de fronteira é abandonada, que é “*o fim do mundo*”. Nos relatou também que a Congregação de sua Igreja é dos Padres Redentoristas. Estes vieram dos EUA nos anos de 1930 para a região de fronteira, para atender aos mais po-

bres. A congregação até certo tempo pertencia aos EUA, agora ela é da província de Campo Grande (MS) e do estado do Paraná. Segundo ele, até 1930 não havia padres na fronteira.

O padre nos conta também que no Paraguai na Sexta Feira Santa não se faz comida. Faz um dia antes. Não se pode trabalhar neste dia. “Nem pentear o cabelo”. “É coisa antiga, costume antigo”. Fala ele que o povo do Paraguai é sofrido, e daí vem esta religiosidade maior, mais presente. E ainda afirma que, quanto mais “para dentro” do Paraguai, mais pobreza se encontra. Podemos perceber na fala do Padre que, na fronteira, as relações de comércio atribuem uma maior riqueza para os moradores. A “*borda*” do país é mais rica que o “*interior*”?

Para o Padre, o paraguaio venera mais os mortos pela sua cultura espanhola. Perguntado sobre as diferenças dos dois países, sobre a fronteira, o padre é enfático: “*São duas realidades diferentes: não há uma mistura, precisa separar*”. Fala-nos também que na fronteira existem “gentes de todos os lugares”. Quanto aos evangélicos no Paraguai, o padre nos diz que existem em menor proporção que no Brasil, mas que existem. Relata-nos também que os índios são a classe mais baixa no Paraguai, que “perderam sua identidade”. São “seres humanos perdidos”. Quanto aos jovens, este nos diz que dos dois lados os jovens usam drogas, bebem demais, usam o som alto nas avenidas. “Os jovens do Paraguai vem bagunçar do lado de cá e a polícia fica ressabiada de coibir”. Percebemos, com esta fala, que as *relações* são *complexas* na fronteira. São áreas de ordem e desordem. De fuga. Do viver de um lado e de *outro*. Do estar num lugar como estrangeiro, e do *outro* como nacional. A fronteira se torna uma

área de fuga, tanto de um lado como de *outro*. Para o padre, “A fronteira é uma porteira que está aberta”. Assim, segundo Certeau (1994: 214), “Lugar terceiro, jogo de interações e de entrevistas, a fronteira é como um vácuo, sim-bolo narrativo de intercâmbios e encontros” e, podemos dizer, de desencontros.

Afirma, também, que na fronteira existe muita criminalidade. Mortes acontecem seguidamente. “Antigamente aqui era terra de ninguém”. Era perceptível que o padre, em certos momentos, tem medo de falar. Por que? Ocorre, como ele nos relata, roubo de carros, tráfico de drogas. Para ele, quando havia homens que mandavam na cidade não havia mortes. A lei “fora da lei” era obedecida. A lei da fronteira. Quando a polícia entrou na cidade, ocorreram mais mortes, mais roubos. A “ordem ilegal” tem maior poder do que a legal na fronteira? De acordo com o Padre, a igreja sofre pressão dos homens que comandam a cidade. As indústrias (as poucas que existem) também sofrem. A vida das pessoas tem influência. “A Igreja sofre pressão dos donos da cidade”. “A igreja fala no geral, sabe os nomes, mas não pode falar, Por que corre o perigo de receber uma bala”. Neste contexto, “a fronteira é demonstração de como os homens inventam a partir de suas sociedade modos de diferenciação social no contexto espaço-temporal, modos que condicionam toda uma ordem vivente, tanto social, econômica, política e culturalmente (RAFFESTIN, 2005: 12).

Outro elemento importante é que para a “alta sociedade da fronteira” é mais chique casar no Brasil. Para o padre, dá mais *status*. O poder simbólico se mostra presente nas relações da fronteira, também, enquanto poder de distinção. Segundo Bourdieu (1998:

145), “As distinções, enquanto transfigurações simbólicas das diferenças de facto, e mais geralmente, os níveis, ordens, graus ou quaisquer outras hierarquias simbólicas, são produto da aplicação de esquemas de construção que, como por exemplo os pares adjetivos empregados para enunciar a maior parte dos juízos sociais (...)”.

Segundo o Padre, também existem muitos gaúchos em Ponta Porã. Vieram do Sul e se estabeleceram aqui há muito tempo. Segundo Martins (1997), através da frente de expansão e depois frente pioneira migraram inúmeros sulistas para o Mato Grosso do Sul e Paraguai. Além disso, no Paraguai, de acordo com o Padre, as mulheres têm uma importância muito grande em comparação com o Brasil. Isso se deve em virtude que morreu muitos homens na Guerra do Paraguai e, por isso, as mulheres assumiram várias responsabilidades que antes eram dos homens, pela falta dos mesmos nas relações cotidianas.

Quanto ao trabalho, o padre nos relatou que existe uma troca de trabalhadores. Brasileiros vão para o lado do Paraguai trabalhar, e paraguaios vão para o lado do Brasil trabalhar. Ocorre uma *troca* de mão-de-obra. Em relação à língua, o padre nos diz que esta no Paraguai é diferente, mas que pode se entende-la. Fala ele que há uma interação com as línguas. Existem pessoas que falam português, espanhol, guarani, sendo que esta última, para o padre, é uma língua marginalizada. Portanto, a fronteira é diferenciada pois é nela que se encontram sujeitos híbridos. Quando perguntado, “o que seria morar na fronteira?”, o padre nos responde que “é esperar de tudo um pouco, radicalismo não leva a nada. É ter jogo de cintura para levar as coisas”. Assim, percebemos que a *flexibi-*

lidade nas relações é um elemento para ser fronteiro. Para conviver e, principalmente, “(sobre)viver”.

Assim, depois desta conversa com o Padre, e após tirarmos uma foto com ele, em frente a sua igreja, nos dirigimos para o restaurante do hotel. Neste almoçamos todos. Ali percebi que as mulheres nos serviam *rapidamente*. Recolhiam de maneira rápida os objetos. A ordem da fronteira, era a ordem do *espaço fluído* (SANTOS, 1996). Da rapidez e da “servidão” dos seres humanos ao capital (LA BOÉTIE, 1982). O restaurante estava cheio de gentes da fronteira, e de fofasteiros como *nós*.

Depois do almoço, partimos para a Câmara Municipal de Ponta Porã (Brasil). Lá, ao chegar, nos deparamos com um prédio todo “esculturado”. Uma obra de arte exibia o chimarrão e o tereré. Pinturas do lado de fora do prédio da Câmara exibiam gentes e a cidade de Ponta Porã. Logo na entrada da câmara, nos deparamos com murais, com fotografias de colonizadores da cidade. De figuras importantes visitando o lugar, como o presidente Getulio Vargas. Com fotos do exército... Logo fomos convidados a entrar na câmara de vereadores. Já na entrada nos deparamos com um lugar moderno, bonito para os padrões do “novo”. Bem arejado, e com pinturas ao fundo e nas laterais da câmara muito interessantes e intrigantes ao mesmo tempo. Ao fundo era exposta a pintura mais chamativa. Representava com muitas cores, resumidamente, as gentes que colonizaram o lugar: gaúchos, árabes, mineiros e a cidade de Ponta Porã, com alguns prédios e a igreja, além, é claro, da erva-mate, do chimarrão, do tereré e da harpa.

Depois de fotografarmos as pinturas, logo chegou o vereador Marcelino Nunes de Oli-

veira. Sujeito disposto exibindo bom humor e hospitalidade. Logo falou que iria trazer tereré para *nós* e, colocar “rodar” músicas tocadas na harpa, a denominada polca paraguaia, música típica da fronteira de Ponta Porã (Brasil) e Pedro Juan Caballero (Paraguai).

Assim, embalados por polca paraguaia e tereré, o vereador Marcelino começou aquilo que ele mesmo denominou de “conversa entre amigos”. Na sua apresentação, Marcelino disse que era brasiguai, e logo começou sua fala sobre aspectos históricos de Ponta Porã. Segundo ele, em 1777 houveram as primeiras expedições dos colonizadores para o lugar. Mais tarde, no início de 1900, os gaúchos começaram a sair do Rio Grande do Sul, consumindo erva-mate e iam chegando até a laguna Ponta Porã, que naquela época era uma paragem para estes “desbravadores”. Na laguna existia um mercadinho, onde os gaúchos paravam para comprar secos e molhados. Estes (os gaúchos) passavam por Ponta Porã por causa da erva-mate – que existia em abundância no lugar –, e alguns, nesse processo, fixavam residência no local. No entanto, segundo Marcelino, o lugar onde hoje se encontra localizada Ponta Porã, era, antes da Guerra do Paraguai, *solo paraguaio*.

Marcelino nos relata sobre tesouros. O clima de desconfiança e chacota por parte dos mestrandos paira no ar, mas, o vereador afirma com veemência o mito. De acordo com ele, os tesouros eram abandonados quando a Guerra do Paraguai estava acontecendo. Antonio Lopez, um dos ícones da Guerra do Paraguai, saqueava os grandes fazendeiros da época, e com a Guerra, teve que abandonar seu tesouro, na esperança de não perdê-lo totalmente. Segundo o vere-

ador, Antonio Lopez mandava um capanga seu enterrar o tesouro em diversos lugares, e que marcasse estes lugares com alguma coisa, para que depois da Guerra pudessem reencontrá-lo. Porém, de acordo com a lenda, Antonio Lopez matava seu capanga depois que o mesmo enterrava o tesouro. A partir dessa lenda, que Marcelino fala que “acha que é verdade”, muitas pessoas iam atrás do ouro, procurar o tesouro enterrado. Aqui percebemos que a busca dos homens pelo tesouro, pelo dinheiro, pelo poder, está presente historicamente nas relações de fronteira, através de suas lendas, “lendas verdadeiras”, pois, “A história da fronteira é enraizada nos antigos ritos e práticas” (RAFFES-TIN, 2005: 10).

Mas, saindo das lendas de tesouros, e no clima da polca paraguaia regada a tereré, continuamos a ouvir. Para o vereador, o ódio do paraguaio em relação ao brasileiro vem da Guerra. Inúmeros paraguaios foram mortos por brasileiros na Guerra. Marcelino comenta que depois da Guerra no Paraguai “existiam 40 mulheres para cada homem”. Por isso a mulher paraguaia é forte. Tornou-se historicamente o chefe das casas depois da Guerra. No Paraguai, “filho homem é um rei. Pela falta de homem ele é mimado”.

Após isso, Marcelino nos explica como surgiu a idéia da integração. Para ele, pelo tereré, que é de cultura indígena (um refrescante), o projeto de integração nasce na câmara. “Você toma tereré com amigos, você escolhe com quem toma tereré”. Para o vereador, “você toma tereré com aqueles que você escolhe, isto é, com seus amigos”. Você toma “pra jogar conversa fora”. Assim, percebemos que há uma solidariedade entre vizinhos por causa do tereré. O tereré é uma *relação*. Relação de amigos, de vi-

zinhos. O tereré dá um sentido todo especial de pertencimento ao lugar, da identidade fronteiriça, isto é, dos homens e mulheres da fronteira, na qual nos debruçamos empiricamente. Como afirma Oliven (1992: 27), “as identidades – enquanto propriedades distintivas que diferenciam e especificam grupos sociais – precisam ser moldadas a partir de vivências cotidianas”.

Em relação ao trabalho, Marcelino aponta alguns elementos interessantes. Segundo ele, na fronteira entre Ponta Porã (Brasil) e Pedro Juan Caballero (Paraguai), durante o dia, paraguaios *migram* para o Brasil trabalhar; e, durante a noite, brasileiros *migram* para o Paraguai estudar em várias Universidades “dali”. Há, portanto, uma migração sazonal para o estudo e para o trabalho na fronteira. Cada país é aproveitado em suas especificidades. Os sujeitos da fronteira encontram formas de se relacionar com esta, e tirar dela o maior proveito possível para suas vidas. Contudo, o vereador afirma que o cidadão brasileiro que faz curso no Paraguai não tem seu certificado reconhecido. “Ele até pode ser reconhecido”, reitera Marcelino, mas passa por uma burocracia no Brasil, que pode levar o indivíduo a gastar muito dinheiro e muito tempo.

Contudo, vamos ao projeto de integração do vereador. Marcelino começa explicando. O que é o PARLIM? Nos diz que é “um projeto de integração entre duas comunidades”. A sigla quer dizer: Parlamento Internacional Municipal. Um projeto de Integração. Segundo o vereador, este “busca discutir os problemas de forma conjunta: saúde, educação..., sem perder a soberania nacional. Discutir os problemas conjuntamente, mas sem intervir nas leis dos dois países” envolvidos, isto é, Brasil e Paraguai. “Viver em harmonia

tranqüilamente, viver em amizade”, enfoca Marcelino. Aqui, percebemos que o projeto do vereador busca integrar as comunidades entre dois povos. Sua disposição em criar isso se deve talvez ao seu amor ao lugar, por ser *brasiguai*. Esta sua miscigenação o faz amar os dois povos, e a defendê-los eloqüentemente. Para Marcelino, seu projeto, resumido no Parlamento, é a “semente de integração”. Reitera orgulhoso de seu lugar: “viver na fronteira é diferente”, e abre um sorriso largo.

Ainda, o vereador comenta mais um pouco sobre o tereré. Defendendo-o sobre pessoas que querem se apropriar da cultura. Segundo ele “o tereré é nosso, é meu, é seu, é cultural”, enfim, faz parte do cotidiano de um povo, de um viver. Aliado a isso, ou fundamentalmente a partir do tereré é que Marcelino fala que surgiu a idéia da integração. Através das rodas de conversa, do bate papo do dia, é que a idéia do PARLIM tomou corpo e significado. Conta-nos, ainda ele, que no Paraguai tem “índio branco”. Há uma miscigenação de índios. Que existem “índios calvos”. Relata-nos coisas diferentes que existem no Paraguai. De acordo com Marcelino, “A fronteira é fantástica, tem muita história”. Existem comidas típicas na fronteira. Comidas que refletem os costumes e o viver da fronteira. A junção de elementos cotidianos do Brasil e do Paraguai implica em comidas diferentes. Assim, podemos perceber que “(...) os relatos cotidianos contam aquilo que, apesar de tudo, se pode aí fabricar e fazer. São feitura de espaço” (CERTEAU, 1994: 207).

Também, outro elemento presente diferenciadamente na fronteira é o ensino. Segundo o vereador, “O ensino no Paraguai e no Brasil é diferente”. No Brasil, segundo ele “o

ensino é mais forte”. Percebemos elementos de distinção na educação de brasileiros e paraguaios. Mas quais serão? Segundo Bourdieu (1999: 14), os referenciais de distinção constituem “(...) a independência relativa do sistema de atos e procedimentos expressivos, ou por assim dizer, das marcas da distinção, graças às quais os sujeitos sociais exprimem, e ao mesmo tempo constituem para si mesmos e para os outros, sua posição na estrutura social (e a relação que eles mantêm com esta posição) operando sobre os “valores” (...)”.

Aliado a isso, quando perguntado sobre o que significa morar na fronteira, seu discurso é enfático e cheio de amor e elogios ao lugar: “Ser fronteiriço é compartilhar de uma cultura diferente”, isto é, morar em um lugar rico em elementos que dão um caráter todo singular e importante ao viver. Podemos entender, a partir da fala de Marcelino, que “*um*” se faz na cultura do “*outro*”, ou seja, um brasileiro se apropria de elementos da cultura paraguaia, como um paraguaio se apropria de elementos da cultura brasileira. Há nesse ponto, algumas misturas (trans)formadoras de híbridos. Segundo Martins (1997: 12), “É na fronteira que se pode observar melhor como as sociedades se formam, se desorganizam ou se reproduzem”.

Também, outro elemento importante na fronteira para o vereador é a língua. “A língua abre portas. O cara te trata como igual. Não te trata como estrangeiro”. Como diz Raffestin (1993: 100), a língua é um instrumento de distinção e de poder: “(...) toda mediação lingüística é subentendida por uma relação extralingüística na qual circula o poder consubstancial a toda relação. A linguagem, como sistema sêmico, não é lugar do

poder, mas, ao contrário, manifesta o poder. É o meio de encenar o espetáculo do poder”. Assim, o vereador Marcelino termina sua fala lendo um poema de sua autoria que retrata o viver na e da fronteira.

Em seguida, nos dirigimos para a prefeitura de Ponta Porã (Brasil). Nos dirigimos para um conserva com a professora Vandí. Esta nos acompanhou no trabalho empírico, isto é, conhecer a fronteira caminhando. Deste modo, a professora Vandí nos acompanhou a pé, atravessando a “fronteira seca”. Esta nos fala que “há 27 anos atrás Ponta Porã era uma cidade muito ‘bairrista’. Não se aceitava pessoas de fora”. Mas para Vandí, isso hoje mudou. O comércio de fronteira influenciou muito nesse processo. Precisa atender bem as pessoas para que elas voltem a comprar aqui.

A professora nos diz que a cidade é formada por gaúchos, em sua maioria. Adiante, caminhando, atravessamos a linha internacional, isto é, a faixa denominada “faixa de ninguém”, que é a linha divisória entre os dois países. Vandí nos fala que nessa faixa “ninguém pode construir”. Contudo, esta faixa de terra nos dá a impressão da diferença de organização dos dois lados. As diferenças se mostram de maneira mais nítida. Ou talvez, o invisível apareça nesse visível. Logo, a professora nos leva a uma loja no Paraguai para comparar a diferença de preços perfumes com o Brasil. Segundo a vendedora da loja do Paraguai, que nos atendia, a diferença de preço depende do produto e do câmbio, mas, a diferença de preços pode chegar a 30, 40 e até 50% em relação ao Brasil.

Continuando nossa caminhada, nos deslocamos em meio ao comércio, onde percebemos que o comerciante paraguaio vive no comércio tranqüilo. Há uma aparente tranqüili-

dade nas relações do comércio. Alguns cortam as unhas no seu local de serviço, outros dormem, comem, bebem, tudo no seu local de vendas. A vida se faz nos locais mais variados. Segundo Vandí, são os chineses, japoneses, coreanos que dominam, que comandam o comércio no Paraguai. A fronteira é transnacional. Mas, não entra gente diferente no comércio pelas tensões que existem camufladas. É claro, que existem algumas exceções... Mas, como afirma Martins (1996: 10), na fronteira “todo estranho é inimigo”.

Mudando de rumo, agora percorremos a rua 14 de Maio no Paraguai, onde verificamos pessoas com aparência de chineses, japoneses, coreanos, falando línguas que não conhecemos, e que nos dão o aspecto de estarmos realmente em *outro* país. Vemos também, ao lado, pobreza. Uma senhora bem idosa se destaca pelo seu corpo todo torto, e pela sua idade avançada empurrando um carrinho de lixo. É uma figura singular neste lugar mundano que exploramos empiricamente!

A professora nos fala em frente a uma loja de móveis para casa, que este tipo de segmento de loja começou a se instalar agora na fronteira. Antes não existiam. São vendidas mesas, cadeiras, armários... Fizemos mais uma parada, e Vandí nos explica que avíamos transpassado as três ruas do comércio, agora estaríamos adentrando em lugares em que predominavam as moradias dos paraguaios, principalmente. “No interior da cidade há pequenos comércios, mas predominantemente casas”. Podemos, assim, entender que as três ruas do comércio no Paraguai mais próximas da linha de fronteira com o Brasil é uma “área de transição” entre um país e *outro*. Vandí nos diz que no interior da cidade de Pedro Juan, a maior parte das

casas é de trabalhadores, são casas humildes. Mas, também, existem algumas mansões onde perpassa o ilícito.

De acordo com nossa guia, a “periferia de Pedro Juan é muito pobre”. São pessoas “sem perspectiva”. Também, o voto no Paraguai não é como no Brasil, onde se vota em candidatos. No país vizinho vota-se em chapas. Andando pela cidade, vemos armas. Muitos homens em frente a vários estabelecimentos comerciais seguram armas impondo a “ordem da fronteira”.

Caminhando por Pedro Juan, verificamos esgoto misturado com lixo escorrendo no meio da rua. As pessoas caminham em alguns pontos por cima de esgotos soltos. Segundo a professora, “a população de modo geral é mais pobre que a brasileira”. Esta nos explica que em um certo ponto da cidade, “tudo começou na represa”, se referindo à importância da represa para a gênese e formação da cidade de Pedro Juan Caballero (Paraguai). Segundo ela, na cidade “existem muitos córregos. A água flui com facilidade”.

Continuando nossa pesquisa, percebemos que uma paraguaia caminha carregando chipa na cabeça. A vida e os costumes típicos do Paraguai se fazem cotidianamente. Também, de acordo com Vandí, a família paraguaia é constituída por quatro a cinco filhos. Percebemos que, em algumas casas, parecem existir até mais. Muitas crianças se mostram em algumas casas. Vemos, também, alguns carros sem placas. Por que? Percebemos também alguns comércios, ou outras atividades, com donos brasileiros. A diferença se combina, ou se espraia?

Também, segundo a professora, Ponta Porã (Brasil) arca com a saúde de vários paraguaios, mas, em contrapartida, Pedro Juan

Caballero (Paraguai), vende produtos mais baratos para os brasileiros. Há uma interação das possibilidades e/ou potencialidades de cada país. Ocorre uma verdadeira troca das potencialidades de cada lugar, que são apropriadas por brasileiros e paraguaios.

Outro elemento de *distinção* na fronteira é o futebol. A rivalidade entre paraguaios e brasileiros é muito clara neste lugar. De acordo com Vandí, “se o Brasil perde no futebol, o paraguaio adora”. Chega a ponto de estourar foguetes para comemorar a derrota do brasileiro. Mas, a professora complementa que isso ocorre também de certo modo no Brasil. Se o Paraguai perde, os brasileiros comemoram a derrota dos vizinhos. Percebemos que a rivalidade no futebol se ascende ainda mais na fronteira. A nacionalidade é explícita no esporte. Como afirma Bourdieu (1998: 4), “(...) a dinâmica da distinção social não se esgota no conflito simbólico pela imposição de uma dada representação da sociedade, mas prolonga-se na produção incessante de novos gostos socialmente diferenciadores e no abandono progressivo das práticas culturais entretanto aplicado pelas camadas subalternas”.

Segundo Vandí, a língua do comércio de Pedro Juan Caballero é o português, ou, se quisermos o “portunhol”. “O público alvo é o brasileiro”. Também ela nos fala que muitos vendedores do Paraguai são brasileiros, e destes, muitos têm casas nos dois lados da fronteira, tanto no Brasil como no Paraguai. Dependendo do interesse e das necessidades, este migra de um lado para o *outro*. Por que? A fronteira seria uma área de fuga?... Como afirma Raffestin (2005: 11), “Espaço-temporal, a fronteira é também bio-social: ela delimita um ‘para cá’ e outro

‘para lá’, um ‘antes’ e um ‘depois’, com um limite marcado e uma área de segurança”.

Outro elemento importante que podemos observar no comércio de Pedro Juan Caballero é aquela velha/nova máxima de Marx (1985), quantos mais produtos têm no mercado, isto é, em um lugar, mais baixo é o valor destes produtos. No comércio da fronteira percebemos isso. Lojas com uma infinidade de produtos, que se repetem, que se vendem, que se comercializam por preços cada vez mais baixos. “Vende-se seis DVDs por 10 reais, cinco DVDs por 10 reais, quatro DVDs por 10 reais...”, e assim vai... Os produtos de um dia para o outro, dependendo do estoque que existe, são vendidos em promoções que atraem os compradores num movimento grande e rápido.

Caminhando pelo comércio nos deparamos com um vendedor insistente, que buscava nos atrair para a compra. Aderindo a sua insistência, paramos e olhamos seus produtos e começamos a conversar um pouco com ele. Começamos a pedir se seria fácil arrumar emprego ali no Paraguai. Logo nos respondeu: “se tiver estudo, sim”. E, já nos fez a pergunta: “Vocês têm formação? Vocês são formados em que?”. Falamos para ele que estávamos estudando para sermos professores de geografia. O paraguaio nos confessou que também é professor, e que trabalha meio período do dia no comércio e meio período lecionando em escola pública no Paraguai. Perguntamos o por que dele trabalhar em dois empregos. Se ele ganhava mais no comércio do que como professor. Nesse momento foi quando ele nos faz uma *revelação*. Segundo ele, “ganho o salário de professor do mês trabalhando oito dias no comércio do Paraguai”. Perguntando a partir disso, o porquê dele não trabalhar só no co-

mércio se ganha muito mais que professor, o paraguaio afirmou: “Por que precisa ter dinheiro para abrir um comércio aqui, muito dinheiro. E eu não tenho. Meu patrão estudou só até a quarta série, e é dono disso aqui”. Assim, percebemos como que a profissão de professor no Paraguai é desvalorizada. Na fronteira pode-se ganhar muito dinheiro, tanto trabalhando como empregado e, muito mais, se o sujeito tiver dinheiro e puder, assim, abrir seu próprio empreendimento comercial. Esse foi o relato do comerciante, e, segundo Certeau (1994: 203), “os relatos efetuam portanto um trabalho que, incessantemente, transforma lugares em espaço ou espaços em lugares. Organizam também os jogos das relações mutáveis que uns mantêm com os outros”.

Continuando nossa pesquisa (nossa busca), encontramos outro comerciante. Dessa vez um comerciante “mirim”, se assim pudermos chamar, que nos oferece produtos. O vendedor, um menino, tinha 13 anos de idade, mas vendia seus produtos melhor que muitos adultos. Aqui entendemos que o comércio torna algumas crianças na fronteira adultas mais cedo. Mais adiante, o comerciante oferta, “leve o produto, é mais barato que no Brasil”. Ou seja, o vendedor usa o argumento que existe na realidade para convencer a comprar. A comparação com os preços do Brasil é explorada de maneira intensa. As diferenças na fronteira existem. Existem e são utilizadas ao seu máximo em proveito de alguns. Assim, as diferenças ocorrem em função de uma comercialização não só econômica, mas também simbólica: “o campo de produção simbólica é um microcosmos da luta simbólica entre as classes: é ao servirem os seus interesses na luta interna do campo de produção (e só

nesta medida) que os produtores servem os interesses dos grupos exteriores ao campo de produção” (BOURDIEU, 1998: 12).

Assim, acabando nossa caminhada pelas ruas de Pedro Juan Caballero (Paraguai), partimos para o Hotel em Ponta Porã (Brasil). Na fronteira, começava a escurecer. O frio começava a aumentar bruscamente, e é nesse cenário de frio ao anoitecer da fronteira que nos inspirou pensar e escrever esta frase: a fronteira é fria à noite como o é nas suas relações de poder mais íntima.

O hotel onde estávamos era estratégico. Do meu quarto visualizava a linha de fronteira entre Ponta Porã (Brasil) e Pedro Juan Caballero (Paraguai). O vento na janela era forte. O frio também. Estou no apartamento 702, do Palace Hotel Portal do Sol. A partir da janela observava e percebia a linha de fronteira entre Brasil e Paraguai, à noite. Observava as três avenidas do comércio direcionadas para o Brasil. Estas demonstravam, à noite, o espaço fluído. Percebia as luzes dos carros que se movem intensamente entre estas avenidas de Pedro Juan à noite. O fluxo é intenso. A movimentação que se estabelecia na fronteira é muito maior que no interior de Pedro Juan Caballero. Porém, após estas três avenidas comerciais meu olhar se espriava a ver luzes fixas, refletindo apenas os objetos imóveis da fronteira. O interior da cidade de Pedro Juan Caballero contém vida e movimento, mas não aparenta à noite tanta fluidez quanto na “área de transição” entre Brasil e Paraguai.

Nos reunimos na recepção do hotel e partimos de Van para o Shopping China. Chegando em frente do shopping nos deparamos com um amontoado de carros no estacionamento. O fluxo de pessoas e objetos é intenso nesse lugar. Na entrada percebemos

que ali é o “espaço moderno”. Ponto de referência de uma rede mundial de comércio. Comércio de importados. Os produtos que são comercializados são de várias partes do mundo.

Dentro do Shopping percebemos que este é organizado por seções. Seções de vinho, de roupa, de eletrônicos... e, também observamos, que sem as promoções, os produtos são bem mais caros que em relação aos dos camelôs e lojas da fronteira, que antes havíamos visitado. Parece-nos que os produtos são direcionados para uma classe média e alta. Salvo, promoções que sempre acontecem. O espaço do shopping é grande. Os funcionários todos uniformizados. O poder invisível paira pelo ar do shopping para os funcionários. Como afirmou Foucault (1989), “vigiar e punir”. As relações em função do poder, também fazem parte, em grande medida, da fronteira.

Depois de uma breve caminhada e olhada no Shopping, nos direcionamos para sua praça de alimentação. Um espaço grande, bonito e arejado. Nos moldes da modernidade. Reunimos-nos em volta de uma das mesas e “jogamos conversa fora”. As conversas aumentavam, como os Choppes também. E ali, sentados entre amigos é que entendemos melhor a vida. “A cerveja é uma relação”. As relações se dão porque tomamos cerveja. A cerveja faz parte de um ritual para conversarmos, para vivermos. Ficamos ali sentados. Até que o Shopping começa a fechar. As luzes se apagam. Parece que querem que saíamos. Então saímos. Lá fora a neblina e o frio é que comandam a noite na fronteira. Tomam conta. Apropriam-se dos espaços na fronteira. É nesse cenário, utilizando desse elemento natural, que podemos dizer que: a neblina embaça a fronteira,

como os homens e mulheres da fronteira detentores do poder embaçam e camuflam suas relações “invisíveis”. À noite, entre Ponta Porã (Brasil) e Pedro Juan Caballero (Paraguai), nos dá a sensação de poderes que se movimentam. De olhos que vigiam. De dominação e apropriação. De relações de comando.

Desse modo, chegando no hotel, nos direcionamos para um restaurante. A noite é nossa e é uma criança..., mesmo com muito frio, neblina e chuva... São 6:00 horas da manhã do dia 16 de junho de 2007 quando acordamos. Da janela do quarto observo o amanhecer de Ponta Porã e, especialmente, de Pedro Juan Caballero. Pela manhã a linha de fronteira é mais embaçada que à noite. A neblina da noite anterior teima em ficar. Não se enxerga mais que uma avenida após a linha de fronteira. Pela manhã a fronteira ainda continua nebulosa, úmida e fria. Desse modo, logo tomamos café e partimos. Na saída da cidade de Ponta Porã, percebemos que as pessoas recomeçam seus dias. Recomeçam como formigas que carregam coisas, vidas, idéias. A luta diária da vida pela vida reinicia. As mulheres e homens do trabalho da fronteira retornam as suas atividades. Porém, a manhã começa preguiçosa, como as pessoas o são.

Próximas paradas, Bela Vista (Brasil) e Bella Vista Norte (Paraguai). Lá vamos nós. No início da ida para Bela Vista (Brasil) o sono atormenta o pessoal. Todos quietos. Alguns intelectuais lêem jornais. Outros observam a paisagem por onde passamos. A estrada nos dá a sensação de estarmos na fronteira. De um lado estava o Brasil e do outro o Paraguai. A paisagem por isso é diferente. Não totalmente. Do lado do Paraguai víamos populações de índios em suas moradias “rús-

ticas”. Logo percebia a segregação e a precarização em que vivem os índios, a que foram submetidos. Contudo, ainda a vida indígena fazia-se nesse(s) lugar(s). O viver, apesar de tudo, buscava sobreviver.

Por outro lado, no Brasil, avistávamos algumas fazendas. Grandes e imponentes fazendas como a “Fazenda Brasil”. Nome bem pertinente. Exibe na fronteira o nacionalismo e a grandiosidade da mesma. Do lado do Paraguai, o que víamos eram fazendas mais modestas. A racionalidade econômica, o moderno, parece que estavam mais presentes no lado brasileiro.

Nossa ida era tranqüila. Inicialmente todos cansaços da pesquisa e do viver do dia e da noite anterior. Tudo era calmo, até que as músicas da festança da noite anterior voltaram a ser tocadas e embalaram nossa viagem. A alegria e as tristezas das canções rompiam o silêncio da viagem. Transpassávamos espaços e tempos diversos com destino a Bela Vista do Brasil e Bella Vista Norte do Paraguai. Mas, apesar da música, a leitura fazia parte da viagem. Jornais ajudavam na busca de informação e na alimentação do imaginário de alguns indivíduos pela viagem.

A neblina do início da viagem havia, enfim, diluído-se. Mas, o dia continuava “nublado”. O sol parecia se esconder na fronteira. Passamos pelo rio Apa. Famoso rio das pescarias grandiosas. Dos peixes bonitos e grandes. Das alegrias à beira do rio. Das cervejas tomadas na pescaria. Logo adiante, chegando na entrada da cidade de Bela Vista (Brasil), um morador acena para o motorista de nossa Van, como se desce as boas vindas para nós. Paramos num hotel na entrada da cidade e esperamos nossa guia. Uma moça logo aparece. Uma professora jovem da ci-

dade será nossa guia. O nome dela é Vânia. E, assim, partíamos novamente.

Entrando no perímetro urbano de Bela Vista (Brasil), observamos a placa da cidade que dizia: “Bela Vista, 86 anos”. Mais adiante, em uma borracharia, um cidadão bebia seu tereré tranqüilamente. A primeira impressão na entrada da cidade é que esta é “pobre”. Casas humildes e prédios antigos. Passamos pela Igreja Católica. Esta pertence à mesma congregação do padre da Igreja Católica de Ponta Porã, que entrevistamos no dia anterior. São padres que vieram do EUA em 1930. A igreja e a casa paroquial são antigas, porém, grandes e imponentes. Uma arquitetura muito bonita. A igreja é alta. Impõe respeito e poder.

De acordo com nossa guia Vânia o comércio de Bela Vista (Brasil) é muito fraco. Passamos com a Van em frente ao CTG. Observamos a importância da participação do povo gaúcho na cidade. Andando mais um pouco pela cidade percebemos que está é antiga. Prédios antigos de dois andares compõem a paisagem urbana da cidade. Parece ser uma cidade como pouco movimento. Bem mais tranqüila em relação à Ponta Porã (Brasil) e Pedro Juan Caballero (Paraguai). Os fluxos de pessoas e automóveis são pequenos.

Chegamos em frente a uma praça da cidade e fizemos uma parada. Lá conversamos com a professora Vânia sobre vários assuntos da fronteira. Segundo a guia, a cidade de Bela Vista (Brasil) tem aproximadamente 22 mil habitantes. Perguntada sobre as diferenças de trabalho na fronteira, a professora comenta que “há uma certa inversão. Troca-se mão-de-obra”. Os brasileiros com uma mão-de-obra mais qualificada vão para Bela Vista Norte (Paraguai) trabalhar; já, os paraguaios que vem para Bela Vista (Brasil), tem uma

mão-de-obra menos qualificada, são normalmente pedreiros, serventes, ajudantes... A partir desses elementos, percebemos que na fronteira há uma troca da mão-de-obra de acordo com as necessidades de cada país, e com a qualificação da mão-de-obra disponível. O mercado de trabalho se impõe sobre a fronteira?

Sobre o ensino na fronteira, Vânia afirma que as escolas brasileiras de Bela Vista tem em média 20% de alunos paraguaios estudando. Segundo ela, “eles acham que o ensino no Brasil é melhor”; isto é, as escolas no Brasil para os paraguaios fornecem uma melhor formação. Será? De acordo com a professora há outros elementos para essa migração escolar do Paraguai para o Brasil. De acordo com ela, a escola paraguaia é uma escola muito tradicional. Muito repressora. Tem costumes rígidos. Por isso, os paraguaios buscam maior liberdade nas escolas brasileiras, que já não comportam certos tradicionalismos e rigidez de antigamente.

Segundo a professora, essa mistura de paraguaios na escola brasileira resulta em alguns contrastes. De acordo com ela, os alunos paraguaios sendo ensinados de maneira mais “liberal”, levam para casa ensinamentos que contrastam com a cultura e com a formação tradicional de seus países. Há implicações nesse processo entre família e a escola. Segundo Vânia, a escola no Paraguai é responsável pelos alunos, os pais não precisam participar de reuniões. A escola é responsável pelo aluno enquanto este estiver lá. Talvez isso seja um dos motivos por ela ser tradicional? Em contrapartida, no Brasil, a presença dos pais é requisita em algumas reuniões e/ou conversas com professores sobre os alunos etc. Nesse processo, parece que o

pai e a mãe paraguaio, com filho estudando no Brasil, se recusa a participar.

Outro elemento resultante da mistura de paraguaios na escola brasileira é a *discriminação*. Ocorre, segundo a professora Vânia, a discriminação por parte de brasileiros em relação aos paraguaios na escola. Segundo ela, certas brincadeiras, como por exemplo o futebol, ou, até mesmo, atividades em grupos na sala, ocorre dos paraguaios muitas vezes ficarem isolados. Também, quando é feriado no Paraguai, os alunos paraguaios não vem para a escola no Brasil. O que acontece? Os alunos brasileiros aproveitam e também não vão para a escola. Há uma influência muito grande nesse sentido. Segunda a professora, “não adianta dizer que tem aula, mesmo assim, não vem ninguém”. A partir disso, entendemos que certos costumes religiosos ou não, que redundam em feriados no Paraguai, exercem influência direta em Bela Vista no Brasil.

De acordo com Vânia, um elemento importante na cidade é o quartel do exército. Este, para manter a segurança e soberania nacional, está instalado na fronteira. Este órgão atrai um contingente de indivíduos que vem para servir pela pátria. A maior parte, segundo a professora, são gaúchos e cariocas. Há uma rotatividade de indivíduos no quartel. Parece que poucos militares ficam no quartel por um tempo longo. A maioria cumpre seu tempo destinado de serviço e logo pede transferência para *outro* lugar. Por que será? A fronteira é um lugar perigoso? Não é bom viver na fronteira?

Quanto à perspectiva de ensino. O ensino é limitado. Faculdade e/ou Universidade em Bela Vista (Brasil) ou Bela Vista Norte (Paraguai) não existe. O que existe raramente são cursos de especialização. Assim, boa

parte das pessoas formadas com cursos superiores são de fora. Porém, a professora nos afirma: hoje o mercado em Bela Vista (Brasil) com professores formados está saturado. “Todo mundo ‘briga’ por aula aqui”. “Antigamente, não era assim, eram poucos os professores formados”. Percebemos, nas declarações da professora, algumas situações interessantes: ao mesmo tempo em que o mercado está saturado para professores formados, boa parte desses têm suas formações universitárias realizadas fora da cidade; isto é, vieram para Bela Vista (Brasil) de outros lugares. Assim, como atração de mão-de-obra para o ensino, a cidade foi um foco atrativo.

Quanto à migração de jovens para outros lugares, Vânia nos diz que ocorreu muito. “Muitos amigos meus de juventude já não moram mais aqui”. Ela afirma que mesmo os paraguaios que moram em Bela Vista (Brasil) e Bela Vista Norte (Paraguai) saem para outros centros maiores do Brasil. No estado do Mato Grosso do Sul, segundo Vânia, Campo Grande e Dourados, são duas cidades para onde se deslocaram muitas pessoas de Bela Vista.

Quando perguntada sobre as *tensões* que existe na fronteira, a professora nos diz que “os brasileiros sabem até onde podem ir ao Paraguai. As tensões existem, mas são camufladas”, portanto, escondidas. Nos fala que no Brasil há o preconceito sobre paraguaios, mas este é camuflado, escondido. “O preconceito existe, mas não é explícito”.

Também, de acordo com nossa guia no comércio do Paraguai em Bela Vista Norte, se fala o espanhol. Já no interior da cidade a língua falada é o guarani. Em virtude do comércio com o Brasil a língua nesse setor é o

espanhol. Segundo a professora, “quem fala só guarani se isola”.

Vânia nos fala sobre os bailes no Paraguai. Estes, segundo ela, são melhores e mais organizados que no Brasil. “Os bailes do Paraguai são melhores que os daqui”. Isso se deve a um maior tradicionalismo ainda presente nos bailes do Paraguai. “São bailes tradicionais e de família”. “Lá as meninas são melhores que as daqui. São ‘moças direitas’”. Já no Brasil as meninas são mais jovens e não são “tão direitas” como no Paraguai. Não são “moças de família”.

Segundo a professora, quanto à escolha de homens e mulheres para namorar e casar, há uma mistura: “o brasileiro gosta de paraguaia e o paraguaio gosta de brasileira”. Há uma *mistura* nos gostos na fronteira. Parece que o brasileiro busca o tradicionalismo e a fidelidade da paraguaia; enquanto o paraguaio busca a liberdade e a malícia da brasileira. Será que isso acontece assim mesmo?

Assim, depois de uma conversa com a professora Vandí, entramos na Van e partimos para Bela Vista Norte (Paraguai). Desembarcamos em frente ao rio Apa, que marca a divisa entre as duas cidades, e atravessamos a pé a fronteira. Nesse trajeto, vemos gentes com semblantes diferentes. Estas passam por *nós* em cima da ponte e nos empreitam com *seus* olhares. Olhares que dizem que *somos* estrangeiros, forasteiros, diferentes em relação a *elas*. Algumas carroças puxadas por burros circulam, até que chegamos do *outro* lado do rio onde o primeiro comerciante vende improvisadamente DVDs. Vende ao lado da rua, junto da ponte. Seria só um camelô que vende DVDs?

Assim, chegamos em Bella Vista Norte no Paraguai. A primeira visão é dos produtos expostos de todos os jeitos em frente e dentro

das lojas do comércio. Tudo se mostra, tudo se vende. Voltamos a pisar na rua de calçada. Motos circulam com pessoas sem capacetes. Estamos no Paraguai novamente. Realidade já re-conhecida. Andamos por uma rua principal. A rua do comércio de Bella Vista Norte (Paraguai). O comércio é bem mais modesto em relação ao de Pedro Juan Cabelleiro (Paraguai), que visitamos um dia antes. As lojas são antigas. As pessoas são mais fechadas. Não nos oferecem tanto os produtos como em Pedro Juan Caballero. As *diferenças* entre uma fronteira e outra existem. Andamos pelo comércio, entramos em algumas lojas e constatamos: os paraguaios de Bela Vista Norte são mais frios em suas relações com os brasileiros. São mais “fechados”.

Não vemos tantas armas como víamos em Pedro Juan. Parece que ficam escondidas. Aqui trafegam muitas motos. Percebemos que algumas estão sem placas. Ficamos sabendo que são do Brasil e só podem circular no Paraguai sem placa. Por que? Caminhamos mais e entramos num mercadinho. O pessoal estava com fome. Compramos coquitos. Recebe este nome pela semelhança com o coco. De acordo com uma paraguaia, “é como uma bolacha do Brasil”.

Assim, após comermos muitos coquitos, saímos da rua do comércio e adentramos para o “meio” da cidade de Bella Vista Norte (Paraguai). Andamos por ruas de terra, onde nos deparávamos com muita pobreza. Casarões de madeira antigos eram os fixos do lugar. Pinturas com cores fortes e desgastadas caracterizavam estes fixos. Caminhamos até a Igreja Maria Auxiliadora. Uma Igreja antiga, feita de pedra. Igreja grande, bonita. Ao redor, casas de paraguaios humildes, pobres, uma miséria grande. Na porta da igreja

um papel colado com o resumo da última festa feita pela igreja. O relatório dos gastos e lucros estava exposto em três línguas: espanhol, guarani e português. Percebe-se a heterogeneidade das relações na fronteira e dentro de Bela Vista Norte no Paraguai. As três línguas fazem parte das relações do cotidiano, da vida e dos viveres deste povo fronteriço.

Conversando com Vânia, esta nos diz que a frieza nas relações conosco, com *nós* brasileiros por parte dos paraguaios se deve, sobretudo, historicamente, a partir da Guerra do Paraguai. Ali foram mortos por brasileiros muitos paraguaios. Esta Guerra, segundo a professora, alimenta o imaginário dos paraguaios, que criam representações e estereótipos de brasileiros, até hoje. “A visão da Guerra está ainda hoje muito presente. Cada país vai dar sua visão, sua interpretação da Guerra”, afirma a professora.

Assim, saímos de frente à igreja em direção de volta para o Brasil. “Saímos do lado de lá e voltamos para o lado de cá”. Na volta, passamos pelo comércio novamente, onde uma boa parte dos alunos compraram mais coquitos. Nos reunimos na Van e decidimos a programação. Na conversa descobrimos que o costume dos moradores de Bela Vista (Brasil) é o de tirar a “*sesta*” depois do almoço. Ou seja, os moradores da cidade só iniciam suas atividades após o meio-dia, depois de um sono, de um descanso depois do almoço, que perdura até as 14:30. Então, avisados sobre a “*sesta*”, fomos almoçar em Bela Vista (Brasil). Paramos em frente a uma espécie de bar. O lugar não tinha aparência de ter comida. Mas tinha. Lugar barato para almoçar, lá fomos *nós*.

Depois do almoço, partimos para o cemitério da cidade, afinal, a história do muni-

cípio se encontra lá! Nos reunimos dentro do cemitério, em frente a um monumento em memória à Guerra da Tríplice Aliança, onde ouvimos as histórias e estórias do lugar. Segundo a professora Vânia, em uma batalha da Guerra da Tríplice Aliança todos morreram: morreram em torno de 2.000 paraguaios e, em torno de 2.000 brasileiros. Talvez, esse *mito* da morte de todos seja uma maneira de empatar a Guerra e amenizar as conseqüências da mesma. “Foi uma maneira de a história contornar o fato”. Esta Guerra, de acordo com a professora, está muito presente nas relações da fronteira. “A Guerra cria representações na cabeça das pessoas”. Como afirma Lefévre (1983: 28), “Las representaciones circulan, pero en torno a fijezas: las instituciones, los símbolos y arquetipos. Interpretan la vivencia y la práctica: intervienen en ellas sin por ello conorcelas ni dominarlas”. E, ainda, segundo o autor “(...) as representaciones son productos de la mente humana, de la división social del trabajo. Interpretaciones de la práctica, mutilándola o transponiéndola, se utilizan políticamente” (LEFÉVRE, 1983: 29)

De acordo com Vânia, o “resgate histórico está em processo” na fronteira. “Não se dá valor histórico”. As pessoas do lugar, principalmente do lado brasileiro, “entendem pouco sobre a Guerra da Tríplice Aliança”. Nesse sentido, percebemos que o povo brasileiro não se preocupa muito em manter viva sua história.

Outro elemento importante na fronteira são os feriados. Segundo a professora, os feriados religiosos do Paraguai, de Bela Vista, Norte influenciam na vida, no cotidiano dos moradores de Bela Vista (Brasil). Os paraguaios que moram no Brasil, quando é feriado no Paraguai, se deslocam até este

país para participar das celebrações religiosas. “Estes feriados no Paraguai influenciam e viram feriados em Bela Vista no Brasil”. Assim, a cidade brasileira é influenciada de acordo com os costumes e as tradições do Paraguai. Ocorre, além de diferenciações na fronteira, uma mistura de costumes. *Um se faz no outro.*

Desse modo, após a visita ao cemitério, já eram 14:30 da tarde, e, portanto, podíamos nos deslocar para a casa de nosso último entrevistado, o Senhor Gentil, um dos comerciantes mais “antigos” da cidade de Bela Vista (Brasil). Chegando em sua casa, este e sua esposa nos recebem muito bem. Era um senhor, aparentando mais de 60 anos de idade, porém muito sereno. Cumprimentou todos os mestrandos, e ouvia o professor Jones, em suas indagações a respeito da fronteira com muita atenção. Logo de cara percebemos que sua mulher sentou-se atrás dele. A submissão e obediência da mulher ao homem estava explícita. Sua mulher não interviu em nenhuma das respostas do Senhor Gentil.

A casa era antiga, mas com móveis e quadros na parede, que provavelmente seriam de maior nível que boa parte das moradias de Bela Vista (Brasil). Na parede exibiam-se quadros com lembranças de outras cidades e de outros países para aonde o Senhor Gentil havia viajado. Mas, além destes, exibiam-se quadros da família, muitos troféus na estante, e um quadro com um retrato de uma mulher jovem e muito bonita. Deduzimos que fosse de sua mulher quando jovem.

Quando perguntado, o Senhor Gentil foi nos respondendo com um número de palavras que com o passar do tempo de conversa foi aumentando. Este nos diz que seus pais vieram do Rio Grande do Sul em 1906. Falava-se muito naquela época do

Mato Grosso. “Demoraram dois anos para chegarem aqui de carro de boi”. O processo de ocupação, segundo o Senhor Gentil, se deu quando “aqui tudo era sertão”. “Compravam terra, demarcava um lugar e ficava”. A terra, ele relatou, que era comprada e/ou ganhada do Estado. Contou-nos que seus pais eram fazendeiros, mas que hoje a terra não está mais na mão-da-família. “Hoje esta terra está na mão de mineiros e outros sulistas”. Mas como que ele virou comerciante sendo seus pais fazendeiros? Afirma que começou a trabalhar no comércio como empregado e depois de algum tempo comprou o estabelecimento e se tornou ele próprio comerciante, até hoje em Bela Vista (Brasil). Afirma que já tentou montar um comércio em Bela Vista Norte (Paraguai), mas que durou pouco. “A economia lá é muito fraca”, diz ele.

Seu Gentil também nos conta sobre a importância do exército. O mesmo completou à pouco 100 anos em Bela Vista (Brasil). O exército ajudou na instalação das famílias nas terras e manteve a segurança na fronteira, afirma ele. E, também nos diz, que foi delegado da cidade por 10 anos. Este nos relatou que a cidade de Bela Vista (Brasil) teve uma mudança no seu “curso”. Passou da antiga para a nova. A “cidade antiga” é por onde entramos na cidade vindo do Brasil. Esta porção urbana fica mais distante da linha de fronteira com o Paraguai. Lá era onde existia a cidade anteriormente. Depois, houve uma mudança no seu “curso”, onde se construiu novas instalações urbanas mais próximas da linha de fronteira, sendo chamada esta parte de “cidade nova”. Na “cidade antiga” ficaram as casas, os bancos, e muitos prédios antigos estão abandonados, em desuso, por causa da migração de vários setores para a

“cidade nova”. Para esta parte nova da cidade, mais próxima da fronteira, se deslocou o pequeno comércio da cidade, tendo como “carro chefe” o setor de alimentos. Por que ocorreu isso?

Segundo o Senhor Gentil, o “Paraguai produz muito pouco alimento. Os paraguaios vêm comprar comida aqui”. Desse modo entendemos que um dos motivos para essa mudança seria a proximidade com o Paraguai para a venda de produtos alimentícios. Será só isso? Ainda, o Senhor Gentil nos diz que as atividades principais de Bela Vista (Brasil) são o comércio e a pecuária. Perguntado sobre as diferenças entre Brasil e Paraguai, nos diz que “a economia do Paraguai não se assemelha a do Brasil”. Que as diferenças existem. “O Paraguai é muito pobre”.

O comércio em Bela Vista (Brasil) e Bella Vista Norte (Paraguai) é o “fim de linha”, afirma o Senhor Gentil. Ou seja, isso nos dá a entender aqui na fronteira é um “fim de mundo”, um “fundão”, como afirma Martins (1996: 15) “a fronteira é o confim do humano”. Assim, o comércio nessa fronteira é fraco. “O turismo aqui tem muita fiscalização”. E, comparando com Ponta Porã, este nos diz que “lá em Ponta Porã a ‘fronteira é seca’, facilita o comércio”. Aqui, entre Bela Vista (Brasil) e Bella Vista Norte (Paraguai), “tem um rio, uma ponte e um posto fiscal, tem mais fiscalização, isso dificulta mais”. Nos diz que o comércio de roupa tem procura, mas ainda é “fim de linha”. “O comércio não é chamativo, o comércio é local e a população é pobre”, afirma o Senhor Gentil. Este nos confessa que gosta de morar em Bela Vista, no Brasil. “Não gosto de cidade grande”. Tranquilidade, conhece todas as pessoas da cidade, aqui está à vontade. “Em

Bela Vista todo mundo se conhece”. “Ponta Porã é muito violento”.

Quando perguntado sobre as classes sociais que existem na cidade e sua localização, este nos diz que “estão tudo misturadas”. As classes sociais estão distribuídas em todos os lugares da cidade. “Ricos, pobres, tudo misturado”. “Só o comércio se transferiu mais para perto da fronteira [...] Mudaram para ficar mais perto da fronteira”.

Também nos relata que fala a língua guarani. “Isso ajuda no comércio”. E, nos diz que quando paraguaio fala mal de brasileiro fala em guarani para que este não saiba, pois não pode entender. Segundo o Senhor Gentil, “brasileiro e paraguaio não se dão”. A rivalidade no futebol é muito grande, “termina em briga”. Quanto ao namoro entre brasileiro e paraguaios, este afirma que “antigamente tinha muita riqueza para namorar. Hoje os costumes são quase iguais [...] Pode namorar, mais com restrições”. Assim, percebemos que as relações, mesmo camufladas, escondidas, ainda existem, de muito preconceito. De muita (in)diferença. A fala do Senhor Gentil diz tudo: “*Pode namorar, mais com restrições*”. Existe uma desconfiança muito grande na relação do *eu* com o *outro*. Ainda, este nos diz que a família dele tinha raiva de paraguaio, por que estes haviam matado há anos atrás brasileiros parentes da sua família. São brigas antigas. “Hoje não tem mais tantas brigas”. “O paraguaio não gosta de brasileiro, não sei se por inveja”, afirma o Senhor Gentil. “São contra no futebol. Tem muito rancor”.

Para o Senhor Gentil, em relação à bebida, os paraguaios ali na fronteira bebem mais que os brasileiros. Porém, os paraguaios “bebem pinga mesmo”. O nome da pinga mais consumida no Paraguai é *Fortim*.

Nome sugestivo! Também nos conta que em relação à saúde, há uma parceria “ilegal” entre as prefeituras de Bela Vista (Brasil) e Bella Vista Norte (Paraguai) para aceitar paraguaios no posto de saúde de Bela Vista (Brasil). “Há uma parceria das prefeituras ‘por baixo do pano’ para aceitar paraguaios na saúde”. Também quanto ao cumprimento de suas dívidas, o Senhor Gentil nos diz que o brasileiro ‘dá o cano’ nos paraguaios. Tão ressabiados com os cheques dos brasileiros”. Portanto, em matéria de calotes na fronteira, o brasileiro é muito mais malandro que o paraguaio. Será? E, assim, terminamos nossa entrevista.

3 Considerações Finais

Conhecemos a fronteira, buscamos a fronteira, observamos a fronteira, caminhamos na fronteira. *Vivemos por dois dias na fronteira*. E nesse viver apressado, corrido, podemos dizer que a fronteira é o lugar do diverso, do singular, do único, do diferente que se diferencia de um lado da fronteira e do outro. São pessoas, espaços e lugares que são produtos e produtores de relações “divididas”. São relações que se estabelecem pela (di)visão dos países, dos territórios, das pessoas, dos produtos etc. São relações que imbricam união e separação. São relações que se caracterizam através de uma dialética espaço temporal diversa. Não há espaço único e tempo linear. Na fronteira existe vários tempos e vários espaços. São tempos singulares, são espaços diversos que compõem o mesmo processo: o viver na fronteira. Na (di)visão dos territórios e pessoas, das nacionalidades e identidades, dos gostos e pertencimentos, das ordem e desordens.

4 Referências

- BECKER, Bertha K. *Amazônia*. Ática: São Paulo, 1990.
- BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 1999.
- BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. 2. ed. Lisboa; Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.
- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.
- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 1985.
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: história da violência nas prisões*. 7. ed. Petrópolis: vozes, 1989.
- LEFEBVRE, Henri. *La presencia y la ausencia: contribución a la teoría de las representaciones*. México: Fondo de Cultura Económica, 1983.
- LA BOÉTIE, Etienne de. *O discurso da servidão voluntária*. 2 ed. São Paulo:
- MARTINS, José de Souza. *Fronteira: a degradação do Outro nos confins do humano*. Hucitec: São Paulo, 1997.
- MARX, Karl. *O Capital: Crítica da Economia Política*. Vol. 1. Tomo 1. 2 ed. São Paulo: Nova Cultural, 1985. (Os economistas).
- OLIVEIRA, Marcelino Nunes de. *PARLIM. Parlamento Internacional Municipal. Um Projeto de Integração*. DouRADOS: Nicanor Coelho, 2006.

OLIVEN, Ruben George. *A parte e o todo: a diversidade cultural no Brasil-Nação*. Petrópolis: Vozes, 1992.

RAFFESTIN, Claude. A ordem e a desordem ou os paradoxos da fronteira. In: OLIVEIRA, Tito Carlos Machado (org). *Território sem limites: estudos sobre fronteiras*. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2005.

RAFFESTIN, Claude. *Por uma Geografia do Poder*. Tradução de Maria Cecília França. São Paulo: Ática, 1993.

SANTOS, Milton. *A natureza do espaço. Técnica e tempo, razão e emoção*. Editora Hucitec, São Paulo, 1996

SANTOS, Milton. *Metamorfoses do espaço habitado*. São Paulo: Hucitec, 1988.

SUERTEGARAY, Dirce M. A. Pesquisa de campo em Geografia. *Geographia*. Niterói, Revista de Pós-Graduação em Geografia, Ano IV – Nº 7, 2002.

Trabalho de Campo realizado no dia 15 de junho de 2007 nas cidades de Ponta Porã (Brasil) e Pedro Juan Caballero (Paraguai); e, no dia 16 de junho de 2007 nas cidades de Bela Vista (Brasil) e Bella Vista Norte (Paraguai).